

COISAS

7/2/57

SÓ agora li uma longa carta, recebida há tempos, de um leitor paulista, que se diz meu admirador, decepcionado com uma reportagem que fiz sobre o governo do sr. Jânio Quadros. A carta faz várias acusações àquele governo; e eu a publicaria se o leitor não tivesse tido o mau gosto de insinuar que a minha simpatia pelo governador paulista era alimentada por ajuda financeira. Essa tolice faz com que tudo o mais que o missivista diga me pareça suspeito.

Como toda pessoa que escreve diariamente em jornal, recebo muitas cartas, e não é raro que nelas a paixão política se manifeste. Um leitor, por exemplo, estranha que eu me refira ao sr. Juscelino Kubitschek como presidente da República «aceitando assim o golpe traiçoeiro do general Lott».

Ora, meu amigo, eu disse em tempo o que pensava do golpe do general Lott e dele mesmo, sem qualquer cerimônia. Mas acontece que na verdade o sr. Juscelino Kubitschek é o presidente da República — eleito, empossado e em plena função. Bonito ou feio, ele é o que é, e se queremos viver numa democracia temos o dever de reconhecer e respeitar sua autoridade, assim como temos o direito de criticar seus atos — direito, que, de resto, ele não nos nega. Não sou um político, sou um cronista, e me arrogo o direito de não seguir nenhuma linha traçada por qualquer partido político. O leitor que não concordar comigo em uma coisa ou outra pode estar certo que isso não me surpreende nem me entristece; que cada um pense com sua cabeça e Deus que nos perdôe a todos algum mau pensamento.

Dito o que, devo explicar que o acontecimento realmente importante deste verão é o meio século de existência de uma instituição humana chamada Clóvis Graciano, pintor paulista. Em meio a todas as divergências de teorias de arte e de política tem conseguido Clóvis Graciano sobreviver como espécimen raro de homem bom e homem de bem; e sejam quais forem as opiniões que ele tenha defendido ou defendido não há quem não o respeite, e duvido que haja quem não o estime. Eu não estava entre os amigos que beberam à sua saúde no dia de seu cinquentenário; mas proclamo que as comemorações devem se prolongar por todo o ano, e não faltará ocasião para que juntos bebamos e juntos, se me permitem alterar o poema de Bandeira, «pensemos humildemente na vida e nas mulheres que amamos».